

## **VIVEU POUCO**

### **Evaristo de Miranda**

A especificidade cristã é difícil de ser compreendida por judeus, muçulmanos, budistas, adeptos de outras religiões e pagãos. Tornou-se politicamente correto afirmar: todas as religiões levam a Deus e seus mestres equivalem-se. Essa afirmação é um preconceito indefensável. As diferenças são enormes. Basta um olhar histórico mínimo para constatar, antes até de questões doutrinárias.

Uma delas é a vida de seus fundadores. Moisés, Buda, Maomé e Confúcio faleceram com idade respeitável, após uma vida de realizações, cercados por discípulos e sucessores. Morreram “repletos de dias”, como os patriarcas de Israel. Foram até o fim cercados de esposa, filhos, amigos e até de um harém, como Maomé. Não foi assim com Jesus, o filho do carpinteiro de Nazaré.

Jesus morreu jovem e celibatário, após uma atividade extremamente curta, de no máximo de três anos e, talvez, de apenas alguns meses. Morreu negado por seus discípulos, ofendido e amaldiçoado por seus adversários e “abandonado” por Deus. E foi condenado ao mais horroroso e odioso dos suplícios: a cruz.

O evangelho de Marcos, no começo, apresenta Jesus como um simples homem; mais adiante, um homem eleito por Deus acima de toda criatura, para Paulo apóstolo; depois, filho do homem e, afinal, filho de Deus. Bem mais tarde, no evangelho de João, Jesus se torna o Verbo encarnado.

A afirmação marcará profundamente o crescimento do Cristianismo e a fé na ressurreição. É um dos caracteres decisivos da especificidade cristã e dos mistérios da fé. Nela encontra-se todo o sentido da Páscoa cristã. “Salvador do mundo, salvai-nos. Vós nos libertastes pela cruz e ressurreição.”